

## RESUMOS

**Os Primeiros Mapas Portugueses da China no *Livro e Atlas* de Francisco Rodrigues (c. 1512)**

Este artigo analisa um grupo de cinco mapas dos fólhos 38 a 42 no manuscrito o *Livro* de Francisco Rodrigues que, em conjunto com um roteiro da China no fólho 37v., são os primeiros documentos cartográficos e náuticos europeus sobre a China, produzidos no final de 1511 ou no início de 1512, antes da primeira expedição portuguesa que atingiu as costas do sul da China em 1513. Estes mapas são cópias de mapas asiáticos e o fólho 40, pormenorizado sobre a região do delta do rio das Pérolas, reúne eventualmente cartografia chinesa antes da chegada dos europeus. Assim, as obras inacabadas, o *Livro e Atlas*, de Francisco Rodrigues são uma fonte rara para se investigar a cartografia pré-colonial produzida pelas culturas asiáticas e à qual tiveram acesso os pilotos e os comerciantes que estavam activos no Sudeste Asiático e mares do Sul da China nas primeiras décadas do século XVI.

[Autor: Ivo Carneiro de Sousa, pp. 6-20]

**Francisco Vieira de Figueiredo: Um “Fidalgo” no Extremo Oriente**

Francisco Vieira de Figueiredo nasceu em Ourém (Portugal), por volta de 1612. Pelos 11 ou 12 anos, embarcou para a Índia. Cresceu em Goa e casou com Jacinta da Costa. Entrou no comércio na costa de Coromandel. Alargou a acção mercantil por Malaca, Macau e Filipinas. Após a Restauração de Portugal, em 1640, fixou residência em Macaçar (Celebes) e apoiou os portugueses de Malaca e de Macau em dificuldades. Durante quase três décadas colaborou, como embaixador, com os reis de Macaçar e os vice-reis de Goa, opondo-se aos interesses holandeses na Insulíndia. Vieira de Figueiredo veio a casar, em segundas núpcias, com D. Catarina de Noronha. Fixando a residência em Larantuca (Flores), apoiou os capitães de Timor. Morreu a 5 de Dezembro de 1667 em circunstâncias estranhas.

A viúva regressou a Macau, em 1670, prosseguindo a actividade comercial e benemérita do falecido marido.

[Autor: António Rodrigues Baptista, pp. 21-54]

**Olhar Invertido a Partir da Região do Sudeste do Pacífico: Macau na Imprensa Escrita Anglófona**

A comunidade local de Macau chamou a atenção do mundo durante a última década com a transferência da administração de Portugal para a China em 1999, a que se seguiu um milagre económico a partir de 2004. Com vista a explorar a história social e cultural de Macau no Sul da China, muitos académicos concentraram-se nas suas relações com Portugal, China e Japão, tendo alcançado excelentes resultados nas suas pesquisas.

Na realidade, enquanto cidade portuária internacional, Macau apresenta uma relação de longo prazo com as regiões vizinhas do sudeste do Pacífico, em especial com as colónias britânicas como Hong Kong, Singapura e Austrália, facto se que se reflectiu numa vasta cobertura dos diários de língua inglesa a partir de meados do século XIX.

Até certo ponto, a sua imagem internacional, assim como as identidades da população de Macau foram moldadas pelas referidas opiniões públicas externas anglófonas. Essas observações proporcionaram referências cruzadas importantes e interessantes face à evolução de Macau ao longo do século passado. O autor adoptou a abordagem do “olhar invertido” utilizada tanto por historiadores como antropólogos para pôr em contraste a imaginação e as impressões dos dados ingleses sobre a Macau portuguesa.

[Autor: Vincent Ho, pp. 55-62]

**Duplo Olhar de Eça de Queirós sobre a China**

Ao longo de tempo, a China tem sido uma referência para muitos escritores portugueses, entre os quais figura Eça de Queiroz que, como o escritor realista

mais marcante na literatura portuguesa, escreveu duas obras referentes à China: *O Mandarim* e *Chineses e Japoneses*. Neste trabalho pretende-se fazer uma análise destas duas obras com o objectivo de verificar a dupla posição tomada pelo escritor face à China e como ele aproveitou a imagem da China para espelhar a imagem de Portugal e da Europa de então.

[Autor: Yao Jingming, pp. 63-68]

**Sobre o Regresso a Macau, China Continental, e Elaboração de Narrativas Pós-Coloniais Contemporâneas**

O presente ensaio aborda o romance português de 2002 de Paulo José Miranda, *O Mal*, no contexto da literatura portuguesa na e sobre a Ásia, acima de tudo, no contexto actual de Macau do final do século XX e início do século XXI, assim como o processo contínuo da transferência colonial portuguesa e descolonização subsequente. Representações de relações interpessoais e sexualidade servem para sublinhar a natureza ambivalente de terminar não apenas uma relação íntima e física com outra pessoa, mas também com os espaços que servem de cenário e contexto cultural para a referida relação. De que forma a dinâmica desigual do poder afirmada pela experiência colonial definiu o palco para quaisquer outros exemplos do exercício de poder desigual, quer na esfera educacional quer meramente na circulação e utilização permanentes de línguas e cultura? E, à medida que a dinâmica do poder da interacção cultural continua a mudar na fase pós-colonial, estando Macau cada vez mais articulada no âmbito do ambiente complexo de uma China continental e Ásia Central globalizantes, como é que estas eventuais trajectórias literárias de regresso e partida igualmente apresentam um leque comparativamente alargado de fluxos e interacções intensificados?

[Autor: Christopher Larkosh, pp. 69-75]

## RESUMOS

**A Necessidade de Harmonia no Oriente Confucionista e no Ocidente Leibniziano**

Este artigo é uma viagem espiritual em torno do conceito de harmonia, ao qual as filosofias confucionista de Confúcio e Mêncio e neoconfucionista de Zhuxi se mostraram particularmente sensíveis, bem como a filosofia leibniziana. O artigo divide-se em duas grandes secções. Na primeira aborda-se a noção de harmonia do ponto de vista filosófico, procurando trazer à luz os pontos de contacto entre a filosofia chinesa de raiz confucionista e a filosofia leibniziana. Na segunda secção medita-se sobre a harmonia religiosa e os passos dados por Leibniz a fim de ultrapassar a perspectiva religiosa eurocêntrica do seu tempo, evidenciada na Questão dos Ritos e nas desastrosas missões dos emissários papais à China, de Charles Tournon (1704 e 1707) e Maigrot (1706). Mostra-se como os principais filósofos da época: Descartes, Malebranche, Locke e Espinosa perfilhavam a perspectiva religiosa eurocêntrica e como Leibniz procurou defender em a *Teologia Natural dos Chineses* (1716), uma outra filosofia, possibilitada pelo facto de possuir uma perspectiva monista pluralista e do seu propósito último ser a defesa de uma Característica Universal (*Scientia Generalis Characteristica*), onde sobressai a tese fundamental do autor, a de uma harmonia pré-estabelecida divina, onde tudo (incluindo a religião) é um, e um é tudo. [Autora: Ana Cristina Alves, pp. 76-90]

**As Dimensões Luso-Macaenses na Moderna Revolução Chinesa de Sun Yat Sen**

O presente ensaio enfatiza facetas fundamentais no significado histórico das dimensões luso-macaenses na moderna revolução chinesa de Sun Yat Sen. Define a localização estratégica de Macau no tecido geopolítico e sociocultural do Sul da China com os contributos lusófonos dos quatro continentes que enriquecem os elos externos do enclave português. A seguir, localiza as influências vitais de Macau em dez áreas principais que moldam a vida, o trabalho

e o pensamento de Sun Yat Sen. Inclui exemplos de episódios relacionados com Macau ou eventos com base em Macau nas raízes familiares de Sun Yat Sen, a sua prática inicial de medicina e repertório revolucionário – constituindo Macau a sua primeira janela para o mundo, berço de novas ideias, exposição inicial ao Cristianismo, base de comunicação preliminar, centro operacional/asilo de refúgio no seu esforço de combate aos Qing e uma correia de transmissão vital das visões e missões revolucionárias de Sun Yat Sen. Este ensaio encerra com uma chamada para que se aprofunde a pesquisa sobre o impacto real da experiência histórica lusa (como a Revolução portuguesa de 5 de Outubro de 1910) e as ideologias sociais-democratas europeias transmitidas através de Lisboa de modo a informar a busca de uma nova China republicana por parte de Sun Yat Sen.

[Autor: Ming K. Chan, pp. 91-109]

**Victor Hugo de Azevedo Coutinho: Um Republicano Nascido em Macau**

Victor Hugo de Azevedo Coutinho, nascido em Macau a 12 de Novembro de 1871, foi uma eminente personalidade que marcou indelevelmente a história de Portugal dos finais do século XIX e primeiras décadas do século XX. Distinguiu-se sobretudo como governante – Presidente de Ministério e Ministro –, mas foi também e notavelmente, oficial de Marinha, engenheiro hidrográfico, deputado, presidente da Câmara de Deputados, administrador ultramarino, professor da Escola Naval, do Instituto de Odivelas e da Universidade de Coimbra. Amante da Liberdade e espírito prático e arguto, abraçou a causa da República e por ela lutou decididamente, sabendo sempre qual o melhor caminho e meios para melhor servir essa causa; por essa razão o vemos sempre coerentemente alinhado no Partido Democrático, de maior representação parlamentar e herdeiro do aparelho e das tradições de luta do velho Partido Republicano Português dos tempos, ditos de propaganda,

anteriores à República. Mas não só na política se distinguiu, posto que foi também um ilustre geógrafo e engenheiro hidrográfico, leccionando disciplinas dessas áreas da Ciência, na Escola Naval e na Universidade de Coimbra. Militar muito condecorado, cientista e pedagogo, morreu em 1955, deixando obra de grande valia, sobretudo quanto a assuntos de Ciência Náutica. [Autor: Fernando Mendonça Fava, pp. 110-123]

**A China no Pensamento de José da Costa Nunes**

José da Costa Nunes (1880-1976) foi um destacado intelectual católico (bispo de Macau e de Timor, arcebispo de Goa e cardeal na Santa Sé) que residiu em Macau cerca de quatro décadas, deixando assinaláveis marcas culturais, apostólicas e educativas, para além de ser uma figura tutelar da Igreja de Macau. Este artigo divide-se em duas partes: a primeira, traça uma panorâmica sobre o tempo em que lhe foi dado viver, a multifacetada riqueza do seu trajecto existencial e a complexidade da sua obra; a segunda, estuda e problematiza a sua visão cultural e humanista sobre a China e as relações entre portugueses e chineses. [Autor: António Aresta, pp. 124-150]